

VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARTES E LETRAS

Proprietario—JAYME CORRÊA
 Director—J. PEDROSO AMADO
 Chefe de redacção—EDUARDO FERNANDES
 Editor—ERNESTO ZENOGLIO

A constancia se deve toda a gloria.
 LUIZ DE CAMÕES.

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes	Rs. \$300
6 >	> \$600
12 >	> \$1200
ESTRANGEIRO	
3 mezes	Rs. \$900
6 >	> \$1800
12 >	> \$3600

**PREÇO AVULSO
 30 RÉIS**

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a RUA DO MUNDO, 81, 2.ª
LISBOA

Composição e impressão
 Offic. Illustração Portuguesa
 Rua do Seculo, 43

OFFICINA DE ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

NOTICIA.

Segunda feira, que se hão de contar 31 do corrente, se ha de representar no Real Theatro de S. Carlos, pela Companhia dos Actores Italianos, a Burlata, intitulada:

A MOLINARA.

Logo que seja findo o primeiro Acto o Cavalheiro Baldinotte em final de gradação de ter recebido tanta honra e favores nesta Corte hirá improvisar, decifrando tres Temas, dos quaes qualquer pessoa os poderá remetter em huma Carta fechada á casa dos Camarotes do dito Real Theatro, por não julgarem ser coufa de sua invenção: o dito Cavalheiro Baldinotte tem grande pezar não ser senhor da Lingua Portugueza, para poder improvisar na dita Lingua.

Seguir-se-ha a Dança que actualmente está em scena, dando fim ao divertimento com o segundo Acto da dita Burlata.

Este he o Espectaculo que os Imprefarios tem destinado para recreio do respeitavel Público, na esperança de lhe agradar.

Principiará ás 6 horas e meia.

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA. 1796.

Obriguem-o a fallar!

O ultimo presidente do conselho de ministros da monarchia, que cruzou os braços quando a revolução invadiu as ruas de Lisboa, está agora na phase de *chantage* do silencio. De vez em quando os jornaes trombetaem que o sr. Teixeira de Sousa disse coisas; ou que vae publicar as suas memorias; ou que vae explicar como teve o fato furado por sete bombas de dynamite, um obuz, seis tiros de carabina e... um bolido. Mas de Vidago, ou de Sinfães, ou de Valpassos, de qualquer dos feudos que o grande senhor possuia, verdadeiras roças politicas—elle acode logo, lépido, lacrimante, melancolico como uma arrependida que se recolheu a um convento, que não ha tal memorias, nem entrevistas, nem conversas. Elle está disposto a sacrificar as suas ambições e o *multo* que *levia a dizer*, por um mutismo absoluto. De grande chapéu de aba larga e guarda-sol paradisíaco passeia solitario pelas avenidas do seu parque de Vidago, só, mysantropo, alheado de tudo e de todos, a esmoer o seu passado fertil em aventuras politicas, quando do alto das secretarias do Terreiro do Paço dava as cartas n'esta bambochata realenga que elle ajudou a fructificar com a sua cumplicidade acquiescente ou com a sua falsa bonhomia transmontana. E' um sybarita de nova especie, que faz do seu silencio uma ingenua *chantage* reles,—como se nós todos, o paiz inteiro, não tivéssemos de lhe pedir contas do que elle fez e não o devéssemos obrigar enfim, a abrir o bico. Virtuosa gente é esta, cheia de bondade, que ainda consente que o sr. Teixeira de Sousa esteja calado! Bello e modular exemplo de paciencia damos nós consentindo que o ex-governante passeie a sua serenidade triumphante, cheios os bolsos da maquia farta que roeu a sombra do seu poderio politico, não o obrigando a vir á luz clara das tribunas explicar o que fez, e o que deixou fazer. Por gratidão pelos seus derradeiros serviços á causa da Republica? Por commiserção? Não pôde ser. O sr. Teixeira de Sousa é um homem ainda na sua plena actividade, forte, com a consciencia plena dos actos que praticou e não deve, por isso, temer confessar que tem culpas, se as tem, de illibar-se completamente de qualquer suspeita que, por mais anonyma que seja, macula e alastra como uma nodoa de azeite.

O retiro voluntario a que se votou, longe dos homens e longe das idéas, á sombra a niga de meia duzia de arvores, á beira da agua... de Vidago, que lhe deve dar um rendimento regular, não é senão para se pôr ainda mais em evidencia. Elle falla a jornalistas que por ali transitam, expande-se, desabafa, desentranha do mais fundo do peito alanceado confissões, pesamentos, idéas sobre os acontecimentos politicos, e, no fim da conversa, quando o interlocutor julga ter material bastante para um artigo grita-lhe: «Não diga nada no seu jornal. Eu quero o silencio em volta do meu nome.»

Mas o jornalista chega á capital e conta, n'uma roda ou varias rodas de amigos, nas redacções, á mesa do café, a palestra que com elle teve. Toda a gente a fica conhecendo como se tivesse vindo impressa. O golpe está dado: Teixeira de Sousa é ainda mais discutido do que antes. Elle então, assustado, envia telegrammas aos jornaes: «E' falso que eu tenha concedido uma entrevista a F.»

E', puramente, uma *chantage* inoffensiva, mas é uma *chantage*. E o grande homem continúa a passeiar, a roer o seu charuto, de chapéu de aba larga e guarda-sol, na tranquillidade do seu Parque, como um brasileiro que fez fortuna no Brasil e veiu da terra do sabi sem idéas mas com muito paíço.

JOSÉ SARMENTO.



Noites de calor—A musica e os bairros de Lisboa—Ricardo Strauss trabalha em uma SYMPHONIA ALPESTRE—Os tres MM.

A temperatura que tem pairado sobre a nossa capital, tem concorrido para que as janellas dos predios de Lisboa se abram á noite e que a cidade tenha um aspecto festivo.

Já é um beneficio que o calor nos traz, para tirar Lisboa do aspecto sepulchral em que jaz quasi sempre. As janellas abertas concorrem para que aos nossos ouvidos cheguem uma melodia de Tosti, cantada por uma filha de um commendador endinheirado, uma valsa por uma menina brasileira, ou então um disco da *Portuguesa*, arranhado por um gramophone barato; ora este divertimento como é predomínio quasi sempre de rez-do-chão, geralmente vemos a familia á volta do instrumento, toda deliciada!

Como qualquer facto psychologico, o mais insignificante que seja, bem analisado, nos desvenda, ás vezes, largos horizontes, resolvemos por essas noites de calor, darmos vagarosamente diversos passeios por alguns bairros da nossa capital, afim de nos habilitar a concluir se alguma ligação haveria entre os habitantes d'esses bairros e as musicas executadas...

Vimos factos curiosos, e chegámos á conclusão que cada bairro tem uma escolha de musicas completamente differentes do bairro immediato. D'aqui uma clara idéa do grau de educação artistica que existe nas executantes.

Começamos pela Baixa, ruas dos Figueiros, Prata, Augusta, Aurea, e pouca musica ouvimos, a não ser umas insignificantes valsas corriqueiras em algum 3.º ou 4.º andar, onde corria animao um *salsifré* ameno. Já nas ruas transversaes, ouvimos algumas phantasias da *Norma*, *Traviata*, *Trovador*, e muito da *Tosca* e *Bohème*; d'estas a romanza do 3.º acto e a valsa do 2.º. Rua Nova do Almada, Carmo e Chiado, ouvimos algumas valsas de Berger, Waiteupel e uma phantasia da *Gioconda*, por signal muito mal feita.

Na generalidade, a Baixa está cheia de maus pianos, desafinados, e sons aguitarrados. Esquecia-me dizer que na rua dos Retozeiros ha menina que conhece todas as musicas das revistas d'anno... Que praga!

Entremos na Avenida da Liberdade e avenidas novas. A musica já tem um outro aspecto. De vez em quando ouvimos já um nocturno de Chopin, uma phantasia—bailado da Chaminado, outra vez a *Tosca* e mais a *Fedora*, *Rigoletto*, *Lycia*, e todas as operettas modernas, *Vinva Alegre*, *Sonho de Valsa*, etc.

Na Avenida Fontes Pereira de Mello, ouvimos bastante Grieg, Sinding, e uns trechos d' *Walkyria*!!!

Só ouvimos Beethoven na rua Castilho, o *adagio Clair de Lune*, regularmente tocado.

E' o bairro da Lapa, talvez por ser o mais tranquillo, em que a musica soffre um culto muito transcendente. Não só o piano tem um logar em destaque como os instrumentos de corda. Ouvimos Bach, Mozart, Beethoven, Mendelssohn, Schubert, Schumann, Grieg, Chopin, Carreño, Paderewski, Debussy, *fados* de Rey Colaço, obras de Oscar da Silva, Vianna da Motta, e toda a obra de Wagner!

Não nos devemos esquecer que ouvimos a dois pianos a dança da *Salomé*, de Strauss, e uma obra de Saint-Saens, *Ascanio* (bailados).

Não tomos a Alfama nem ao bairro d'Alcantara; no primeiro predominará decerto o *fado*, e no segundo as meninas executarão notavelmente as inspiradas musicas ouvidas nos theatros de feira.

Em algumas casas das Avenidas novas, ouvimos cantar trechos d'opera, e varias romanzas de Massenet, Denza e Tosti, na generalidade vozes boas e colorido regular.

Mais uma vez direi que o piano segue na sua senda de infelicidade, pois ouvi muita obra musical verdadeiramente *assassinada*!

O auctor da opera *Salomé*, Ricardo Strauss, segundo reza uma revista parisiense, está trabalhando em uma *Symphonia Alpestre*. A primeira parte descreve a subida da montanha, por um viajante solitario; quanto mais sobe, mais longe está do mundo; o seu pensamento vagueia em mil phantasias, e vê a sua miseravel condição. Até ao cume tem que lutar com mil obstaculos, quedas d'agua, despenhadeiros, etc. A primeira parte é um grande hymno á montanha. A segunda parte é *logico* que seja a descida. O homem encantado laurea a Natureza, esquecendo Deus, e na sua alma existe o combate entre a duvida e a fé. Esta vence e a symphonia termina com um hymno solemne!

O auctor tem por onde dar largas á sua imaginação, por isso estamos certos que nascerá mais uma vez a musica d'um grande *maduro* em obra descriptiva.

O grande musico russo Maskowski leu uma vez, em um album de uma senhora o seguinte:

«Na musica ha apenas tres BB: Bach, Beethoven e Brahms; todos os outros são *cretinos*.»

Maskowski escreveu por baixo:

«Na musica ha apenas tres MM: Meyerbeer, Mendelssohn e Maskowski; todos os outros são *christãos*.»

Tem espirito e não offende.

ALFREDO PINTO (Sacavem).

Raridades

Por nos parecer extraordinariamente interessante sob todos os pontos de vista, e constituir um valiosissimo elemento para a historia do theatro em Portugal, vamos publicar dentro em pouco uma longa serie de gravuras de programas de theatros, antiquissimos alguns e raros quasi todos. E' curiosa e original a collecção, e decerto os bibliophilos, assim como o publico amador, muito apreciará a sua publicação.

Damos hoje na primeira pagina um dos mencionados programas, e pelo qual os nossos leitores podem formar um juizo sobre a importancia e o valor da collecção.

Do sr. Antonio Maria da Silva

A este cavalheiro, tão distincto quanto illustre director geral dos correios e nosso amigo, pedimos a fineza de providenciar de modo que a nossa revista consiga chegar ás mãos dos destinatarios. São inumeras as queixas que temos recebido de assignantes que não logram ver a *Vida Artistica*.

E' contudo ella é expedida regularmente todos os sabbados de manha.

Theatro da Trindade

Depois do nosso jornal entrar na machina somos informados dos novos pregos dos logares n'este theatro e que são os seguintes:

Nova tabella de preços de verão: Frizas, 3500 e 2500. Camarotes de 1.ª, frente, 3500; lado, 2500. 2.ª, ordem, frente, 2500; lado, 1500. 3.ª, ordem, 800 réis. Bailado de 1.ª fila e fauteuil, d'orchestra, 700 réis; de 2.ª fila e fauteuil, 500 réis. Superior, 300 réis. Geral, 200 réis. Galeria, 100 réis.

AO ENTARDECER...

Da aragem, que perpassa cicizando,
O estonteante, capitulo odór
Dos viridentes laranjaes en flór
Brota em ondas subtlis, de quando em quando.

l'elo ar, vêm multidões d'aves chegando,
N'um alegre convívio encantador,
Os seus hymnos suavissimos, d'amor,
Ao despique, festivas. chilreando.

A' terra diz adeus o aureo sol,
Os derradeiros beijos luminosos
Enviando. saudoso, ao arrebol. . .

Recolhem os rebanhos aos curraes,
Trocam as flôres segredos carinhosos
E os pombos emmudecem nos pombaes. . .

JAYME CUNHA

Beethoven

(Continuação do numero antecedente)

Antes de crear o drama lyrico, strictamente allemão,—para elle um simples motivo de orchestração, logo posto de parte— e que mais tarde devia desaparecer afogado no fanatismo indisciplinavel que por toda a parte se levantou, em meio seculo, pela musica de Rossini, Beethoven encontrou já feita, já preparada, a fórma typica na qual os artistas do tempo condensavam a mais pura expressão da sua arte. Era a Sonata, anteriormente creada pelo filho de Sebastião Bach e que resumia em si a maneira mais perfeita de exteriorisar o ideal,—tendencia indefinivel para o absoluto, que vive sempre no intimo de todos nós. Era esta, realmente, a fórma mais larga, mais logica, fecundissima, tão apta ao desenvolvimento do mais severo pensar, como summario breve do mais ligeiro themasinho; de um *andante* a um *presto* achava logar a mais poderosa concepção. Da sonata tinha sahido Mozart a crear o *concerto*, mais rico de effeitos, mais apaixonado, mais poetico talvez, mas perdendo um pouco a fórma grandiosa e sublime d'essa mesma sonata que Hummel superiormente compuzera e que Beethoven ia enriquecer com o *scherzo*. Era, pois, a sonata que, evoluindo, consagrada já pelos artistas italianos da escola de Clementi, indicava muito naturalmente a primeira maneira do mestre. E tão poderosa foi a influencia do talhe classico, que haveis de ver a sonata resistir ás tres maneiras, ou melhor, aos tres estylos fundamentaes de Beethoven, e, como n'aquella frente residia um pouco Deus, em toda esta parte da sua obra encontrareis alguma coisa de infinito e de intangível, que é como que o perfume do proprio ente supremo. Provára mais uma vez, que a musica era uma revelação mais sublime que toda a sabedoria, toda a philosophia. Na sua arte, mais do que em todas as outras, Deus estava mais perto.

Quando ouvirdes Beethoven, a primeira impressão que a sua obra inspira é a de uma profunda e respeitosa admiração, que provém menos da vastidão do seu conjunto, do que da sua perfeita harmonia. Outros, decerto, terão legado á posteridade um numero maior de trabalhos, mas o feito proprio permanece identico, immutavel, nunca sahindo fóra da personalidade que os cria. Notareis, por exemplo, que toda a harmonia de Chopin exprime uma dôr unica, melancolica, triste, a dôr com a qual nasceu e com que morreu. No proprio Weber não ha senão febre, agitação convulsiva, é sempre Freyschutz; Mozart é sempre calmo; Haendel é sempre magestoso. Descendo minuciosamente a todas as pregas do coração, exprimindo-o admiravelmente, nenhum, contudo, attingiu os inacessiveis limites da

paixão, nenhum deu fórma e vida á dôr mais furiosa e mais torturante.

E' n'isto que Beethoven lhes é immensamente superior; o seu genio transforma-se sem repouso. E o luctador invulneravel, procurando incessantemente novas fórmas para vencer, novas maneiras para exprimir. Fala uma lingua que os outros balbuciarão. E, quando desaparece, não é o luctador que cae vencido, é o luctador que está cansado. Toda a sua obra é a imagem concisa, nitida da evolução do seu pensamento, que vae a pouco e pouco espiritualizando-se cada vez mais, cada vez mais immaterial, até attingir o infinito,—porque elle o attingiu; foi o unico. Aquellas tres phrases que os criticos querem destrinçar, classificar, não cavam entre si abysmos intransponiveis, antes se seguem, se encadeiam umas nas outras, logicamente sequentes, sem solução de continuidade. Não ha uma falha, não ha um ponto escuro. Lê-se n'essa obra como n'um livro aberto; se Beethoven vivera mais dez annos, sem duvida nos teria revelado a Suprema Verda e Talvez Deus o percebesse, arrebatando-o por isso a tempo.

Este poder do genio é tão grande, que ainda mais engrandece desmesuradamente, depois de sumido no tumulo. Beethoven, do nosso seculo, quasi do nosso tempo, morto ha apenas oitenta annos, já se nos affigura como ser de epochas passadas e remotas.

O nosso criterio quasi o colloca ao lado de Homero, ao lado do Dante, de todas as grandes creaturas que indicam como marcos luminosos e indestructiveis o progresso das humanidades. . . Porque em Beethoven existe mais do que uma combinação admiravel de ondas harmonicas, existe um pensamento philosophico e religioso, muito alto e muito puro.

E' o producto logico da sua terra e do seu tempo. E' o crescer espantoso de uma arvore plantada por outros. Sem Galileu, talvez Newton não tivera existido; sem Beethoven, Mendelssohn não teria florescido; são o humus que depois fará desabrochar a flôr. Por isso, Galileu e Beethoven são immensamente maiores que Newton, que Mendelssohn, e a sua memoria é o orgulho dos homens. .

MARIO D'ALMEIDA.

(Continúa).



Saibam quantos...

Bohemios

(Continuado do numero anterior)

Entraram em tropel—"Leite Bastos! Oh Leite Bastos!"—O romancista, passada a camoéca, fizera as pazes com a dama, e estavam os dois abraçados, contando aos policias as maravilhas do enxoval.

Logo alli se escreveu a este e mais áquelle, conhecidos e amigos que podiam tocar o coração dos commissarios, e enquanto novos mensageiros iam com cartas, tal foi a conversa, que o cabo da guarda e policias, de puro gozo e festança, tudo era que ficassem algumas horas mais, prezos, todos os jovias tertuliantes.

Apenas a liberdade chegou (coisa mui facil, pois mau grado as echymoses reciprocas, nenhum dos esposos era parte). Leite Bastos, e a dama, montados no rocinate, com um donaire andaluz, muito de ver, seguiram para a Damaia, onde era o "solar de Hymeneu"; e de roda o grupo, como nas bodas antigas, fazia côro, indo assim muitos, por largo espaço, com resposno n'algun alambique da estrada de Bemfica,

onde Guimaraes Fonseca tentava renovar a diatribe contra os architectos de Pombal, respeito á rua Augusta.

Leite Bastos era um diabo franzino e muito pallido, olhos d'um brilho febril, pequeninos e encafuados no fundo d'orbitas olheirantas, que sobranceiras negras tejadilhavam com certo ar inquieto, mercê das rugas verticaes, moveis, freneticas, que a myopia e a sobrexcitação nervo-alcoolica a cada instante lhe punham a meio da testa.

Desgastes da vida pandega e miseravel, por mansardas e invernos sem gabaõ, no fóra de horas de Lisboa pluvimitiva, tinham-no amolgado rapido nas resistencias de homem moço, abrindo-lhe a buril, na face enxuta e exangue, na barbicha sem vivo, de rato molhado, na curvatura da espinha e abobadado dos hombros, na marcha um pouco cambaia das pernas inertes, esse cunho de ruina organica que põe a vida á mercê da primeira enfermidade, e faz do homem o perpetuo espantallo de si proprio.

Uma doenca anonyma que rõe em Lisboa, mercê da incuria policial, 74 0/0 dos homens, n'elle esvurmava, por falta de tratamento, e desmazellos de hygiene e temperança, o melhor da força viril, comlando-o de stygmata, e extinguindo-lhe na gorja a voz, n'um fio de murmurios roufenhos, jactitando, silvando viperinamente, nos seus haustos terriveis d'ironia.

Uma vida d'imaginação, acordada na leitura dos romances de capa e espada, Paulo Féval, Capendu, Ponson du Terrail, Xavier de Montépín, habitara-o a pastichar primeiro estes auctores, a ponto d'escrever uma continuação do *Rocambole* que muitos annos passou por ser do proprio du Terrail; e logo a applicar essa facultades d'entreador de romances-folhetins, de carpinteiro de barafundas dramaticas, á factura de romances originaes, passados em Lisboa, uns historicos, (ou como dizia aquelle empresario velho do Principe Real—*com fatos d'entrada*), outros contemporaneos, muitos volumes, com alçapões, mysterios, conjuras, sequestros, que seguiam de perto os modelos favoritos, se bem que insulfando-os na composição de certos typos, na propriedade plebêa, flagrante, facil, de certos dialogos, na audacia de certos lances da observação abundante colhida pelo bohemio nas aventuras da sua vida nocturna, com gentes de toda a casta, de homem de letras a gaudaeiras, moços de corda e fadistões.

Quando uma noite cheguei a conhecê-lo, Leite Bastos estava já no principio do fim d'uma tuberculose de larynge que o fazia soffrer tremendas faltas d'ar. A despeito da voz quasi inaudível, teimava em vagamundear depois do seu trabalho de redacção, a pretexto de ceia, cavaco, insomnia e não sei que outros motivos que entrecortava de copinhos da rija e perorações furiosas contra o mau sestro de ter talento n'um jornal onde ninguem tinha senão vontade d'educar.

Era o seu *ache*, o seu *noli me tangere* doloroso, essa escravidão da penna aos 30:000 réis mensaes da redacção, assalariado eterno n'uma banca onde elle valia mais que os donos, que partidos da mesma miseria, entretanto tinham conseguido encher-se, deixando-a a elle á mercê do meio da rua, no dia em que já não possesse trabalhar.

(Continúa)

FIALHO D'ALMEIDA.

Falta de espaço

A absoluta falta de espaço, alliada á abundancia de original, tem-nos inhibido de publicar todos os artigos que os nossos estimaveis collaboradores nos enviaram.

O motivo d'esta sincera e leal explicação, obedece ao empenho de não deixar supor, que ha, da nossa parte, o menor desejo de ser desagradavel, seja com quem fór.

THEATRO DA TRINDADE

"Gente Miuda"

3 actos e 7 quadros de Arminho Garcia, adaptação de Ernesto Rodrigues e Pereira Coelho. Musica de Valverde e Filgueiras.

Se ha criticas difficeis de fazer, a d'esta peça é uma d'ellas, tal é a trapalhada que se desenrola durante os tres actos, apesar do seu simples entreccho, que nos leva á conclusão de perguntar a nós mesmos, se se trata de revista, drama, ou qualquer especie de peça. Tem, não ha duvida, algumas scenas boas no 1.º e 3.º actos, mas em compensação tem o 2.º acto todo elle de uma massadoria enorme e de um acabamento bem infantil e disparatado. Em hespanhol, é provavel que a peça, que tem só dois actos, tenha muito valor, mas na adaptação não foram felizes os seus auctores, porque para lhe metterem mais um acto, polvilharam a peça de *fadunchos* e outras *bugingangas* que apenas conseguem desagradar.

Do desempenho, temos a especialisar Zulmira Ramos, Affonso Taveira, Henrique d'Albuquerque, Gomes e Guilhermina Castro.

Zulmira representando bem, ora com sentimento, ora com a vivacidade proprias de uma «miuda» de bom coração, como consegue mostrar.



M. Blanco
(PIMENTONES)



Eduardo Raposo
(BERNARDO)



Eduardo Fernandes
(ANASTACIO — CABECINHA)

Taveira, irreprehensivel no seu ingrato papel. Albuquerque, um «miudo» já pouco miudo, tem scenas no 1.º e 3.º actos muito bem feitas, que lhe têm valido fartos applausos do publico; só no 2.º acto é que não gostamos muito d'elle, mas crêmos ser culpa dos auctores; achamos que a missão que vae desempenhar ao café cantante é deveras triste, e, como mais velho dos irmãos, deveria conservar-se quanto mais não fosse, de quando em quando, aprehensivo, assim como tambem não achamos motivo do acanhamento e falta de verbosidade que manifesta ao fallar a Concha, quando nos 1.º e 3.º actos lhes não falta, ao d'rigir-se ao pae; demais, não é tão miudo como isso, pois além de bem o mostrar em certas scenas, escreveu uma peça para theatro. Gomes, comico como sempre, mas além de se apresentar um «miudo» já pesado, exaggera demasiadamente o papel, que lhe resulta por vezes parecer mais um velho que um miudo como pretende mostrar.

A pequenita Guilhermina Castro, que mostra bem ter queda para a scena, é na peça e na realidade o mais miudo de todos e poderá vir a ser

uma artista de valor, dependendo isso da educação que no theatro-lhe for ministrada.

Dos restantes, temos Eduardo Fernandes, bem nos seus antipathicos papeis, Flora Dyson affectada como sempre quando canta, reparando nós, que no 3.º acto, nas danças japoneza, se apresenta de saia á moda e blusa japoneza, o que nos não parece muito apropriado. Raphaela Fons, temos gostado mais de a ver n'outras peças, o que não admira, por não ser este verdadeiramente o seu genero; achamos-lhe pouca vida quando representa e a gesticulação, além de sempre equal acanhada. Emfim, fallando com a verdade que costumamos imprimir na nossa revista, a peça não agradou muito; e o caso da pouca affluencia de espectadores com que o theatro tem luctado, é não só devido a isto, como muito especialmente aos preços serem carissimos, attendendo á grande quantidade de espectaculos baratos e alguns superiores á *Gente Miuda*, que esta época affluem por todos os lados.

J. PI DROZO AMADO.

Por não havermos obtido a tempo de serem publicadas em o nosso ultimo numero, inserimos hoje as gravuras dos restantes interpretes da *Gente Miuda*, peça actualmente em scena no theatro da Trindade.

São elles os actores E. Fernandes, E. Raposo e M. Blanco, respectivamente *tio Anastacio* e *Cabecinha*, *Bernardo* e *Pimentones*.

O Convento de Mafra

Segundo frei João de S. José do Prado, n'um livro que publicou em 1751, e que temos presente, a origem da construcção do mosteiro de Mafra, foi a seguinte:

D. João Luiz de Menezes quiz, em 1622, dotar a villa de Mafra com um convento de frades arrabidos, que eram muito da sua predilecção.

A Mesa do Desembargo do Paço oppoz-se, porém, allegando que *so reino estava cheio de conventos mendicantes*, e por isso não era conveniente mais este.

Não desanimaram os successores de D. João de Menezes, que foram os viscondes de Villa Nova da Cerveira e D. Thomaz de Noronha e Vasconcellos, e repetiram, juntamente com o provincial dos Arrabidos, a petição ao rei.

No paço real de D. João V, o Maximo, toda a gente andava apprehensiva, porque o rei, apesar dos muitos remedios que tomava por conselho dos medicos, não conseguia que a rainha tivesse filhos.

Um dia que no paço da Galé se achavam reunidos em conversação o cardeal Cunha, o Marquez de Gouvea e outros fidalgos, appareceu frei Antonio de S. José, sacristão do hospital real de Lisboa, a quem todos cumprimentaram e com quem palestraram por algum tempo, pedindo-lhe á despedida o cardeal Cunha, que encomendasse em suas orações o rei, para que este alcançasse filhos e o reino successor.

Frei Antonio limitou-se a replicar: «Elle

terá filhos se quizer», e cumprimentando os presentes, despediu-se.

Intrigados com a resposta, esperaram os fidalgos occasião de encontrar frei Antonio, o que succedeu d'ahi a dias, e perguntaram-lhe o que queria elle dizer com o «elle terá filhos, se quizer». Frei Antonio disse-lhes então que, se o rei fizesse voto de fundar um convento dedicado a Santo Antonio, na villa de Mafra, teria filhos.

Communicaram, pois, este vaticinio ao rei que, devoto e crédulo como era, desde logo se resolveu a mandar edificar o convento, que era afinal o que os frades do convento de S. Pedro d'Alcantara queriam.

A 9 de março de 1711 falleceu frei Antonio, quando a rainha já dava indicios de gravidez, cujo exito teve logar a 4 de dezembro do mesmo anno, dando á luz a princeza Maria Barbara, que depois foi rainha de Hespanha.

Os frades já não descançaram emquanto não viram a obra começada.

Partiram logo tres para Mafra, onde se hospedaram na albergaria do Espirito Santo e viveram largo tempo das esmolas que pediam aos fieis. Dois annos depois, compravam-se, por ordem do rei, muitas terras no sitio chamado da Vella, pouco distante de Mafra; fizeram-se muitas plantas de egrejas, e por fim foi approvada a de João Frederico Ludovici, tudesco de nação, mas a execução foi confiada ao architecto italiano Carlo Baptista Garvo.

A 17 de novembro de 1717, realisou-se o lançamento da primeira pedra, a que assistiu o rei, a corte e o patriarcha, que celebrou missa n'uma pequena egreja de ma-

deira, segunda feita á pressa, porque a primeira tinha desabado dois dias antes, com a furia de um vento tempestuoso que se havia levantado.

Cunharam-se doze medalhas, tendo esculpidas umas, a egreja e o convento, outras, o retrato do rei, da rainha e de Clemente XI que era então o papa.

Em 22 de outubro de 1730, foi dada por concluida a basilica e procedeu-se á sagração com a assistencia das tropas, dos fidalgos, do rei e da rainha, que compareceram ás cinco horas da manhã, hora assaz matutina, mas que não é de extranhar, sabendo-se que o rei, depois dos frades estarem installados, ia ainda muitas vezes á meia noite ouvir matinas ao convento, e só se recolhia ao paço por volta das tres da madrugada.

Na construcção, que se compõe de uma basilica, um convento e um palacio, com o total de mil quinhentas e cincoenta e duas casas, entrando 282 cellas para os religiosos, empregavam-se em 2 de maio de 1731 os seguintes operarios: Infantaria, 5;510 homens; Cavallaria, 614; Canteiros, 3;997; Carpinteiros, 1;162; Entalhadores, 54; Torneiros, 2; Tanoeiros, 4; Serradores, 29; Selleiros, 2; Vidraceiros, 6; Alvineos (pedreiros), 2;359; Paizanos trabalhadores, 1;347; Carpinteiros de segos, 20; Apontadores paisanos, 20, e Mariollas, 344. Total, 15;470 homens.

A. COSTA.

(Continúa).



Conduzindo socios

A «largada»



NAUTICA

A Associação Naval «1.º de Maio», da Figueira da Foz ganha a «Taça Lisboa» — Acabem de uma vez para sempre com as mesquinhas intrigas se querem levantar o nosso «sport» nautico — Como decorreu a regata

Foi o Club Naval de Lisboa quem este anno organisou a regata da «Taça», que foi disputada n'um pseudo-campeonato nacional de remo, a que concorreram, além da aggregração vencedora, a organisadora e o Gymnasio Club Figueirense.

Coube a victoria á tripulação da Associação Naval «1.º de Maio» da Figueira da Foz, que, digas-se em abono da verdade, foi a que melhor remou; o «style», o rythmo e a resistencia não lhe são desconhecidos, comtudo, a zuga «Celeste», em que correram, é incontestavelmente a melhor das que entraram e parecia-me que quando se voltar a fazer novas corridas o «so-telo» devia ser geral; a delicadeza é sem duvida um dos attributos do «sportsman», mas quando se trata d'uma prova, as probabilidades de victoria não se devem, por forma alguma, fazer correr mais para estes ou aquelles correntes.

A tripulação do Club Naval faltou muita energia, especialmente no fim, e do Gymnasio Club Figueirense lutou o mais que ponde, faltando-lhe comtudo os predicados precisos para vencer.

Notei tristemente que não tivesse concorrido este anno á «Taça» a Associação Naval, e por isso não posso deixar de aqui lavar o meu protesto, para que se acabem de uma vez para sempre com mesquinhas intrigas se querem levantar o nosso «sport» nautico. Se ha maus elementos espurguem-se, e vamos para deante, trabalhando sempre, levando de vencida esta morbida somnolencia em que tem passado estes ultimos annos tudo o que se relaciona com a vida maritima.

Outras corridas se deram entre tripulações do Club Naval, apurando-se o seguinte resultado:

Oul-riggers, de 4 remos, entre o *Liz* e o *Minho*, ganhando este por meio comprimento. A corrida foi bem disputada, de parte a parte, mostrando a tripulação vencida grande energia. A tripulação do *Minho* era formada pelos srs. Vasco de Almeida, *timoneiro*; Albano dos Santos, *voga*; Rocha Leão, J. Aldim e A. Abranches.

Iruggers, de 6 remos, *Chaimite* e *Regulus*; vencendo a primeira por dois comprimentos. A tripulação da *Chaimite* era formada pelos srs. Soares

Franco, *timoneiro*; A. Costa, *voga*; Guilherme Fonseca, Luiz Brito, C. Meyrelles, A. Consolado e C. Sa.

Pair-vars, *Alice* e *Alve*, vencendo esta por 4 comprimentos. A tripulação vencedora era formada pelos srs. Vasco de Almeida, *timoneiro*; Antonio Tito e João Tito. A tripulação vencedora mostrou grande superioridade, tendo-a mantido desde a largada.

No restaurant Londres foi oferecido, pela direcção do Club Naval, um jantar aos remadores da Figueira, sendo levantados *à lais* diversos brindes pelos srs. Fernando Correia, J. Loforte, Travassos Lopes, Duarte Rodrigues, dr. José Pontes, tenente J. Costa, Annibal Pinheiro, J. Costa Duarte, do Gymnasio Figueirense, e F. Baptista, da Associação Naval «1.º de Maio», que foram muito correspondidos.

Na Figueira da Foz foi enorme o entusiasmo pela conquista da «Taça Lisboa», tendo sido feita uma enorme manifestação de agrado á chegada dos remadores aquella cidade.

Noticias diversas—Automobilismo—Cyclismo—Cricket

O Automovel Club de Portugal está apto a fornecer certificados internacionaes para circulação de automoveis no estrangeiro.

—Domingo (23) effectua-se uma importante corrida velocipedica de 50 kilometros para disputa da «Taça Progresso», incluída no «Mez Sportivo» do Sport Grupo Progresso. A inscrição de «equipes» foi bastante numerosa, o que me faz julgar a prova uma das melhores ultimamente realizadas.

—No campo do Lumiar, entre o Grupo Cruz Quebrada e o Sporting Club de Portugal, realisa-se domingo (23) um desafio de «cricket» que deverá ser muito interessante.

ROMOLO.

AVIAÇÃO

O Circuito Europeu

Terminou, emfim, este extraordinario certamen, no qual se produziram verdadeiros assombros na conquista do espaço.

Não é sem tempo, pois o numero de victimas que a idéa tem ceifado é vasto, immenso já, e esses dedicados heroes contribuíram com a vida para o resultado definitivo que actualmente se observa.

O homem-passaro, o homem cognominado rei da criação, que tudo vence pela força, pela audacia e pela intelligencia, não é já uma lenda nem uma utopia.

Na terra, no mar, nos ares, eil-o triunphante e preparando-se para novas temeridades, representadas por outras tantas conquistas!

Vencer, vencer sempre é o seu lemma; dominar o seu pensamento constante.

Foi André Beaumont o vencedor do Circuito Europeu, isto é, o heroe cujo nome é hoje pronunciado com assombro e entusiasmo em todo o mundo, fazendo o circuito completo em 58 h., 28' e 1/2, n'um percurso total de 17:800 kilometros, o que dá uma media de 306 kilometros á hora.

Mesmo sem attendermos ás tempestades que no caminho assaltaram os aviadores,



André Beaumont (VENCEDOR DO CIRCUITO)

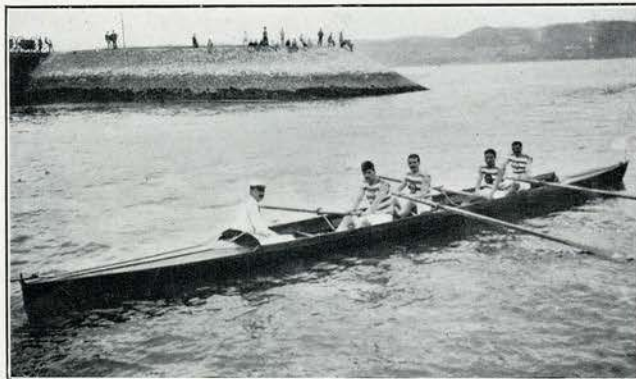
ventos contrarios e outros estados athmosphericos que muito prejudicaram a marcha, havemos de convir que é formidavel, espantoso.

Beaumont, na corrida Paris Roma, foi tambem o primeiro a chegar.

O segundo premiado foi Rolland Garros, o terceiro Renét Vidart, ficando J. Vidrines em quarto logar.

Ainda nas provas d'este circuito se observou que os monoplanos são superiores aos biplanos.

Os francezes, por que a victoria obtida coube a um seu compatriota, encontram-se radiantes.



A vencedora



O jury e povo

Tiros certos

Vergonhas

É urgente modificar as feiras e reparar as estradas

As feiras taes como se fazem em Lisboa, constituem aos olhos de todos que presam o seu paiz e que o acompanham no seu progresso incontestavelmente sensível, uma perfeita vergonha a que urge se não pôr termo, pelo menos modificar.

Felizmente que este tão primitivo divertimento tende a acabar, mercê da falta de concorrência que presentemente e em especial em Alcantara, quasi se compõe de ruínas com as suas *inseparáveis*, homens do mar e uma cohorte de *habitués* dos chamados *theatros de feira*.

Houve quem denominasse as quintas feiras como dia do *Hig-life*, e, talvez por isso, lá se encontra n'estes dias uma concorrência um pouco melhor, mas fraca.

Em breve vaie inaugurar-se no alto da Avenida da Liberdade a feira que ha pouco terminou em Alcantara. Se a feira pela forma como se apresentou em Alcantara, ali se não deveria ter consentido, muito menos se devia admitir n'uma das nossas melhores arterias da cidade.

Isto, estará bem em certas terras das nossas provincias, em que o povo custa a soffrer qualquer alteração nos habitos a que se enraizou, de forma difficilmente d'elles se desacostumar; mas, aqui, na capital, que tantas evoluções tem soffrido e que por tantos melhoramentos tem passado, o povo está já habituado ao progresso e portanto accieita de braços abertos, tudo quanto diga respeito ao embelesamento d'este nosso tão invejado cantinho.

E' pois necessario, mas de uma necessidade urgente o modificarem-se as feiras; e, esta modificação é tão facil quanto vantajosa para todos, inclusivamente para os que d'ellas vivem.

Se em vez de se apresentarem apenas immundas barracas, na sua maior parte tabernas exalando cheiros pestilentos a varias comidas atrazadas, e aos azeites rançosos com que fregem o peixe ou confeccionam as tradicionaes farturas, se construissem pequenos *chalets* de madeira, artisticos de forma a desarmar com facilidade e servidos por gente limpa; se se substituissem os immoraes e incommodos *theatros*

de feira em que se exhibe a miseria sob o pomposo titulo de arte, se se apresentasse ao publico apenas um *theatro* que fosse, mas decente, limpo e com uma companhia de artistas de algum merecimento que n'este caso se não envergonhariam de n'elle representar; se se afastassem para um arruamento especial as carreiras de tiro que nos incommodam sobremaneira com os seus tiros de canhão; se se trocassem os enfadonhos fungágas, por um coreto com uma banda de musica; se se concedessem premios aos feirantes que melhor e mais vistosas installações apresntassem; enfim, se quando mais não fosse se conseguisse uma feira como a que ha annos se exhibiu na Avenida da Liberdade com o nome Feira Franca, veriamos não só que a concorrência augmentaria consideravelmente, ao mesmo tempo que se modificaria; os feirantes auferiam bastantes lucros e Lisboa ficaria dotada então de um divertimento annual, digno de uma capital se não completamente civilisada, pelo menos com pretensões a isso.

(Continua.)

J. P. A.



CAMPO PEQUENO

Coube a vez a Jorge Cadete de realizar no passado domingo o seu beneficio, o qual nos apresentou um programma em que só figuravam artistas portuguezes, e dois amadores.

O vasto taudromo encheu-se por completo e o beneficiado recebeu dos seus amigos e admiradores numerosos brindes, alguns de valor, outros de utilidade pratica.

Posto isto passemos á parte artistica que no conjunto nos agradou apesar do curro, pertença de de Emilio Infante, ser de iogo difficil e desigual. No entanto alguns d'elles cumpriram sendo os melhores o 2.º, 6.º e 8.º e manso de todo o 7.º.

Dos cavalleiros, que eram Manuel e José Casimiro, destacou-se o ultimo, principalmente na lição do 6.º touro. Manuel Casimiro, tanto no 1.º como no 9.º touros, cravou varios ferros á meia volta, no primeiro teve uma tira regular bem como no nono um curro tambem muito regular, mas abusando das sortes de garupa.

José Casimiro, fapeou o 4.º bicho, com arrojo, cravando varios ferros largos e dois curtos, sahindo um de primeira ordem; na lição do 6.º, a duo com Cadete, foi colhido por varias vezes e n'uma d'ellas com bastante violencia por entrar no terreno do touro e a pouca confiança que parece te; no cavallo, a ponto de o ir trocar pelo seu querido *rafinho*, no qual teve occasião de brilhar cravando varios ferros á *meia volta*, com luzimento, e um curro dos da sua lavra, isto é, citando *pela esquerda e rematando pela direita* pelo que foi justamente muito applaudido.

Dos peões, temos a destacar o trabalho de Cadete e dos amadores D. Carlos de Mascarenhas e Jayme Cadete.

Cadete, no 5.º animal, em que toureou a sós, aproveitou muito bem a *gaiola*, tendo dois bons *seigos* e dois pares a *quarteio* muito regulares; na lição do 6.º, a duo com José Casimiro, aproveitou com sabedoria e ligeireza os *resaltos*, tendo um par magnifico. Para os amadores sahi o 7.º corupeto, o peor do curro, d'uma mansidão a toda a prova, pelo que foi recolhido, apenas com um par de D. Carlos de Mascarenhas cravado com bastante difficuldade.

Para os mesmos sae o 8.º animal, voluntario, que Mascarenhas aproveitou com uma boa *gaiola*, e dois pares *de frente* muito bem rematados e Jayme Cadete tambem com dois pares muito bons, um a *seigo*, outro a *quarteio*. Dos restantes artistas, temos a salientar dois pares a *quarteio*, no 3.º touro, de Thadeu, e mais um regular no 1.º pelo qual foi colhido mas felizmente sem consequencias.

Theodoro Gonçalves e Manuel dos Santos aproveitaram muito bem o 2.º touro, tendo aquelle uma *gaiola* regular e mais um bom par. este dois pares bons.

João d'Oliveira, pegando na m.leta, trasteou muito regularmente o 1.º bicho, mostrando que tem qualidades para poder proseguir com vantagem, pelo que deve mostrar mais serenidade e elegancia, defeitos faceis de corrigir, desde que se dedique com vontade ao estudo d'esta sorte, o que o aconselhamos a fazer. Pegas houve tres de cara, feitas respectivamente pelos forçados Carlos de Telheiras Manoel Chimpa e Antonio da Taberna. O forçado Paulo Galolas, ao tentar pegar o 6.º touro, foi volteado violentamente, fracturando o braço esquerdo. Recolheu ao hospital onde ficou em tratamento. Esperemos que não aconteça o mesmo que succedeu no anno passado ao forçado Ventura, quando fracturou uma perna. Alfredo dos Santos, por lhe terem tirado o 8.º touro que estava destinado para elle, e que foi para os amadores, como acima dissemos, recusou-se a bandarilhar o 9.º pelo o que a intelligencia o obrigou o fazel-o, com applauso do publico.

Este artista, a nosso ver, procedendo assim foi incorrecto, pois tem obrigação de acatar com respeito as ordens da intelligencia, que pode alterar por qualquer motivo imprevisto a ordem do programma. Procedendo como fez nada mais mostrou de a sua falta de lealdade e de camaradagem, bem como a sua pouca consideração pelo publico que lhe paga. Esperamos que não repita casos semelhantes que mais não fazem senão prejudicar o seu nome.

Direcção acertada; bréga muito desordenada.

MARIO NOGUEIRA

ESPECTACULOS

THEATRO DA TRINDADE — 8 314 — *Gente Miuda*.

THEATRO ÉTOILE (c. da Estrella) — 8, 9 114 e 10 112.

SALÃO DO LORETO — Rua do Loreto.

CHIÃO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL (Palácio Foz) — Avenida da Liberdade.

OLIMPIA — Salão de concerto, etc., rua dos Condes.

SALÃO DA TRINDADE — Rua Nova da Trindade.

SALÃO RECREIO DO POVO — Largo Silva e Albuquerque.

SALÃO FOZ — Calçada da Gloria, 3.

THEATRO ESTEPHANIA TERRASSE — Arco do Cego.

GRANDE SALÃO DOS ANJOS — Travessa do Borrão.

SALÃO D'ARRABIDA — Rua d'Arrabida, rio.

ANIMATOGRAPHO DO BEATO — Companhia infantil.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição permanente de aves e animaes feroces.

Carnes conservadas pelo frio

Pelo *systema* adoptado em Inglaterra

À VENDA no Mercado 24 de Julho, logar n.º 1 — no Largo de S. Domingos
no Largo de Alcantara — no Largo de Santa Barbara

Aos domicilios — Pedidos telephone n.º 1295

GRANDES ARMAZENS FRIGORIFICOS

HENRIQUE PATRONE R. de S. Paulo, 109
LISBOA



Autoclismos
 INGLEZES
 O melhor systema
 Louças sanitarias
 ESQUENTADORES

Montagem de luz electrica
 Serralheria civil

Fogões de cozinha e sala
TORNEIRO DE METAES
 Variado sortimento de can-
 diciros, bicos, chaminés e
 mangas para incandescencia
 a gaz, petroleo e gasolina.



CANALISAÇÕES PARA AGUA, GAZ E ACETYLENE

F. Street & C.º L.º
 ENGENHEIROS
 Machinas R. Poço dos Negros
 Telephone: N.º 646 LISBOA

Vestidos de senhoras e crianças
LAVA, LIMPA E TINGE
 A
TINTURARIA CAMBOURNAC
 10, Largo da Annunciada, 10
 Rua de S. Bento, 175-A
LISBOA Telephone 562

≡ Automoveis ≡
 recommendados

PARA ALUGAR NA PRAÇA
ROCIO

Automovel n.º 875 — chauffeur — Accacio de Paiva
 " 787 " " João Carujo
 " 987 " " Antonio Paes

Serviço por taximetro em Lisboa
 Serviço de theatro e baile

TELEPHONES — 2702 e 2698

— LISBOA —

“**MERCEDES**”
 MACHINAS DE ESCREVER
 A ma's p: feita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACCESSORIOS

Reparações em todas as marcas
 de machinas

Copias à machina — Traducções
 Ensaios de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3066 — Agencia no Porto

**OFFICINA DE FUNDIÇÃO
 DE METAES**
 TORNEIRO E GALVANISMO
 FUNDADA EM 12-6-1901

Manufactura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalagos e varões para montas, ferragens para urras e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos
 para Gaz e Agua
 Instalações electricas
 Dourar
 pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES
 R. SARAIVA DE CARVALHO, 59 A 93

**Empreza Nacional
 de Navegação**



Sae hoje, 22, para a Africa Occidental o
Paquete MALANGE
 No dia 25, para S. Thomé e Loanda o
O paquete DONDO
 Este paquete não recebe passageiros.

Para carga, passagens e outros esclarecimentos, trata-se:—NO PORTO: com os agentes H. Burmester & C.º, rua do Infante D. Henrique — EM LISBOA: Escripórios da Empreza, 81, rua da Commercio.

Caldas da Rainha
Grande Hotel Lisbonense
 Pelo seu colossal tamanho tem sempre quartos vagos.
 Preços desde 1\$200 a 2\$500 réis

Figueira da Foz
Grande Hotel Lisbonense
 O mais importante e bem situado, serviço de meza e cozinha de primeira ordem.
 Preços desde 1\$200 a 2\$000 réis

LUZ ELECTRICA
J. A. LEITÃO
 129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, aparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dinamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcos voltaicos, resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, pára-raios, etc.

REPAÇÃO DE TODO O SYSTEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES
ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Garage
Estephania
 107-109, R. José Estevam, III-113
LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT.
 Taxímetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Alfredo Eduardo Gonçalves
OFFICINA
 DE
CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes à sua arte

7, Rua da Condessa, 9
 (AO CARMO) LISBOA

ENCAVERNADOR-DOURADOR
 Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos
 220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Succursal das
 Officinas
 de encadernação movidas a vapor

92, R. N. da Trindade, 92
 TELEPHONE 1495

Maulino Jfereira

Vinhos e Azeites
JOÃO LUIZ AFFONSO
 Travessa da Trindade, 22-24

Vinho Verde de 1.ª qualidade
 Azeite de Castello Branco muito fino
 Vinhos finos e licores

Casa 5 de Outubro
 232, R. DA MAGDALENA, 234
 (Em frente à Rua da Betesga)
 De que é proprietario MANUEG VIGORS FACROD

Azeites de Castello Branco, maniegas da Ilha da Madeira, vinho tinto do Livramento, pathelo (exclusivo da casa). Todas as encomendas se enciam a casa dos freguezes.

PEREIRA
FABRICANTE DE MOLDURAS E DOURADOS
EM TODO O GENERO

Encarrega-se de molduras para bordados, consolos, mobílias, espelhos e dourados em casa, etc.

273, RUA DA ROSA, 275
Proximo á rua D. Pedro V

ANTIGUIDADES

Compram-se por bons preços Louças, crystaes, moveis, joias, bronzes e tudo antigo que revele arte e belleza.

Rua da Escola Polytechnica, 97
(D' frente das escadas da Escola)

M. CARVALHO

MAFRA

HOTEL MOREIRA

No largo, em frente do convento

Bellas accomodações desde 15000 reis por dia até 18500 reis.
Redução de preços para caixeiros viajantes.

Proprietario — JOAQUIM PEDRO MOREIRA

ABRANTES

Hotel Central

Proprietario — MANUEL MONTES CARFEIRO

Situado no centro do commercio. Illuminado a acetilene. Campainhas electricas em todos os quartos.

Magnificas condições d'asselo, conforto e bom tratamento

Braga — BOM JESUS

GRANDE HOTEL

Grande Hotel do Elevador e Grande Hotel do Lago

Proprietarios: GOMES & MATEOS, Successores de Manuel Joaquim Gomes

Hotel de primeira ordem. Serviço esmerado. Quarto espaçoso e bem mobiliado. de o e se gosam esp. illudidos panoramas. Quartos completos. Luz electrica. Saloes de baile e de visitas. Planos e orgão. Telephone e caixa do correio.

Preços, comprehendendo quarto, comida, vinho, servio e luz, desde 16500 até 28200 reis por dia

PRODUCTOS ALIMENTARES

para diabeticos, despepticos e neurasthenicos de Sana. Caixas de phantasia com bolachas e chocolates suissos, sopas instantaneas, chás, caramellos, etc.

M. C. NEVES
Rua Nova do Almada, 83

EVORA

Hotel Eborense

O me hor da provincia do Alentejo. Est. bel. imento de banhos. Sala de visitas. Bons aposentos para familias.

Proprietario, JOSE AUGUSTO ANNES

AO CHAPEU MODERNO

Silva & Ruas

LISBOA

Sortido completo em chapéus e bonets nacionaes e estrangeiros, para homens e creanças, por preços ao abrigo de toda a concorrência

Sempre as ultimas creações da moda

69, R. da Victoria, 71

A NACIONAL
COMPANHIA DE SEGUROS

Séde na sua propriedade: — 14, Avenida da Liberdade, 14 — LISBOA

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Fundada em 17-4-906

RESERVAS
135:753\$650
RÉIS

CAPITAL
500:000\$000
RÉIS

Seguros de vida e Seguros terrestres e marítimos

Prestam-se todas as informações verbalmente das 10 horas da manhã ás 5 da tarde, na séde da Companhia, ou por escripto na volta do correio.

Director — FERNANDO BREDERODE Sub-Director — JOSÉ A. QUINTELLA

VIDAÇO

Hotel Avenida

Edifício construído expressamente junto á Estação do caminho de ferro e Avenida, proximo da nascente Vidago.

Bons quartos, magnifica sala de jantar com mezas para familia, casas de banhos, café, bilhar, e jogos licitos.

Preços de 1200 a 1500 reis
Almoços 500 e jantares 700 reis

Correspondencia ao concessionario

Domingues Pires

GEREZ

Grande Hotel Universal

Propriedade da Companhia Carris

Este hotel que passou por amplas reformas é o melhor da estancia. Possui um magnifico square e é o unico illuminado a electricidade e mezas para familia.

Serviço de primeira ordem — Preços moderados

Trens da Companhia com mudas em Boura

O Conselho de Administração — Alfredo da Fonseca Meneres, Antonio Reis Porto, Antonio d'Araujo Costa. — Gerente do Hotel: — Julio Pinto da Rocha.

Cesar A. Paiva

Cirurgião-Dentista do Hospital de S. José e annexos

Premiado na exposição internacional de Paris de 1900, com menção honrosa a unica concedida pelo jury a expositores portugueses d'esta classe.

Collocam-se dentes desde um até a dentadura completa. Tratamento especial de molestias de bocca.

R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

LIVRARIA DO CLERO
UNICA LIVRARIA RELIGIOSA DE LISBOA

Fundada em 1907 por Lima & C.ª antiga empregada da Livreria Catholica que acabou em 1910

9 Rua do Mundo, á Praça de Camões e frente á Igreja do Loreto

Casa de confiança das Familias Catholicas

Typographia, Encadernação e Papelaria

Catecismo da 1.ª Communhão 20 reis
A Chave do Céu desde 1\$000 reis
Almanach da Immaculada Conceição de Lourdes — Preço 100 reis

Livros em portuguez, francez, inglez, allemão, hespanhol e latim. De instrucção Religiosa, Doutrina Catholica, sobre a Sagrada Eucharistia e Primeira Communhão, de Piedade, Espirituaes e Asceticos — Biographias, Vidas de Santos, Educação, Instrucção, Sciencias, Historia e Literatura — Theologia — Liturgia — Philosophia — Moral Religiosa — Historia Ecclesiastica — Sermões — Livros de Missa simples e de luxo, todos approvados pela auctoridade ecclesiastica.

Artigos do culto — Paramentos e Alfaias — Castiças e Tocheiros — Cruzes e cirias — Lampadas e Lamparinas — Lustres — Serpentinhas — Custodias — Calices — Galhetas — Sacras —pyxides — Ambulas — Caldeirinhas — Lavandas — Lanternas — Caixas e ferros d'Hostias — Campainhas e Carrilhões — Purificadores — Estantes — placas para vellas — Corôas — Jarras.

Imagens e Crucifixos de todas as dimensões — Optimas esculpturas. Pinturas simples e de luxo approvadas pela Sagrada Congregação das Indulgencias de Roma.

Artigos de Piedade — Imagens luminosas veem-se ás escuras como de dia) — Souvenirs de Lourdes — Terços — Corôas — Rosarios — Estampas para Cathese, para livro e para quadro — Gravuras — Photographias — Oleographia e Chromos em cartão, opaline, gelatina, pergaminho, setim e bordadas em seda — Medalhas e Crucifixos, em latão, aluminio, nickel, ouro ou prata Beniftes de biscuit e nickel — Escapularios — Argolas de guardanapo com imagens — Bilhetes postaes com Santos — Quadros — Vias Sacras — Presepio — Albuns com a Via sacra em photographia, com a Vida de Jesus, em gravura e muitos outros — Placas com imagens, bentinhos, folhas de santos em preto e a cor — Registos de luto e o mais completo sortimento em artigos religiosos de alta novidade. Objectos para brinde. Objectos de 1.ª Communhão.

Flores artificiaes. — Palmitos, grinaldas, corôas, ramos e palmas.

Crucifixos para reliquias, Terços, Crucifijos, cantas mudas com espaços.

Crucifixos do Perdão. — Indulgenciados por S. S. Pio X para as pessoas que propaguem esta devoção — Corôa para Via Sacra para se fazer em casa ganhando-se as mesma indulgencias que na Igreja — Crucifixos da Paixão. Crucifixos da Santa Face.

AS AGUAS D'ENTRE-OS-RIOS CURAM AS BRONCHITES

O Grande Hotel da Torre

é o unico HOTEL que está ligado ás Thermas das

Aguas d'Entre-os-Rios

SERVIÇO MAGNIFICO

Quartos desde 13200 a 28000 reis

Pedidos de quartos a

Avelino & Camanho
TORRE-ENTRE-OS-RIOS

J. J. RIBEIRO DOS SANTOS

Premiado com menção honrosa na Exposição de 1893

PREVILEGIO EXCLUSIVO
da Pomada Dumont para cura do rheumatismo

GESSOS E BETUMES

Deposito de drogas: Oleos, Tintas, Vernizes, Pinceis, Sabão, sabonetes e perfumarias.

Qualidades garantidas — Preços sem competencia

Productos chimicos e medicinaes por grosso e meudo

Unico deposito geral em Portugal

da Agua Circassiana para restaurar o cabelo — Oleo da Persia — Vigor Tonic do Oriente — Oleo do Egypto para o cabelo e da Favorita Universal e Leite Divino para a cutis.

22, Rua do Amparo, 22
16, Rua do Arco Marquez de Alegrete, 16
LISBOA

Preços muito resumidos